

Um aedo sertanejo – Patativa do Assaré e o mundo do cordel

GILMAR DE CARVALHO*

Falar de cordel em Patativa do Assaré, este poeta dito popular, diante de nossa necessidade de rótulos, uma voz que ecoa a tradição, atualizando-a, é por demais reducionista. Cordel é tudo o que Patativa faz, no sentido de ressignificar um conjunto de narrativas, um modo de dizer — e não uma fôrma — uma visão de mundo que vem de tempos imemoriais e se liga a um presente, dando conta dos anseios, sonhos e expectativas dos receptores/fruidores.

Parece-me inadequado confundir cordel com folheto. Produto de uma atividade editorial que se estabeleceu, de modo tardio, no Brasil, chegando ao Nordeste no último quartel do século XIX, o folheto de feira, romance, “foiete”, arrecife, seria uma das formas de expressão do que se convencionou chamar, muito mais recentemente, de literatura de cordel. Mas a questão não se esgotaria aí. O folheto seria uma das formas de veiculação e de suporte destes relatos, a partir da interiorização dos prelos, de um imaginário que veio na bagagem do colonizador e que aqui se adaptou, ganhando não apenas cor local,

* Gilmar de Carvalho (1949) é Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo. Foi professor do Curso de Comunicação Social da UFC (1984/2010). Tem interesse pela literatura de cordel desde 1976, quando conheceu Juazeiro do Norte. Publicou *Publicidade em cordel* (2. ed., Annablume, 2002), sua dissertação de mestrado na Universidade Metodista de São Paulo. Também publicou *Lyra popular* (2006), com selo do Museu do Ceará e apresentação de Ralph Della Cava. Escreveu e/ou organizou dez livros sobre o poeta Patativa do Assaré. Tem vários títulos no campo da xilogravura e artigos publicados em revistas acadêmicas do Brasil e do exterior.

Patativa do Assaré declama um de seus poemas, em 2001.

Foto: Lizaldo Maia.



mas a contribuição fundamental da cantoria, que trouxe a esta manifestação a agilidade do improviso, a rima e a métrica que fazem da musicalidade estratégia de memorização. Teria tido, também, a contribuição das etnias indígenas e a herança africana, resultando em um produto que sintetiza nosso sincretismo que não se baseou, evidentemente, na cordialidade, mas na violência e exclusão que repercutem até hoje. Equivocado se falar em cultura autóctone, no genuíno ou no autêntico, em que insistem alguns estudiosos, quando se sabe que a multiculturalidade é uma evidência e a dinâmica da cultura implica um processo de trocas, interpenetrações e “contaminações”, não apenas hoje, com a consolidação da chamada indústria cultural, mas desde sempre.

O folheto de feira foi o elemento desencadeador do processo poético de Antonio Gonçalves da Silva, nascido a 5 de março de 1909, na Serra de Santana, a 18 km do núcleo urbano de Assaré, distante, por sua vez, 520 km de Fortaleza.

Nas lembranças do menino – cego de um olho aos quatro anos, com apenas quatro meses de educação formal e tendo de enfrentar os trabalhos do campo após a morte do pai, quando tinha oito anos – a audição de um folheto foi fundamental para que percebesse que também poderia fazer poesia ou que era aquela forma de expressão que ele gostaria de desenvolver. Para efeito de hipótese diríamos que

aquele encantamento do mundo foi a centelha que levou o menino, aos 16 anos, a vender uma ovelha, com autorização da mãe, para comprar uma viola. O cordel se instaura aí, na manutenção de uma tradição que Patativa soube romper no tempo certo. Como ele mesmo disse, em várias entrevistas e em uma precária autobiografia encomendada pelo organizador de seu livro de estreia, passou a fazer quadrinhas e a se apresentar nos sítios para distrair os serranos.

A viagem ao Pará, em 1928, levado por um parente, funcionou como um rito de iniciação. Lá ele ganhou o epíteto de Patativa, pela maviosidade do seu canto, e foi objeto de capítulo do livro *O matuto cearense e o caboclo do Pará*, publicado em 1930, de autoria do cearense José Carvalho de Brito. Na viagem de volta, depois de uma breve passagem por Fortaleza, onde conheceu Juvenal Galeno – referência de poesia com influências da fala popular – Patativa, que depois passou a assinar do Assaré, retornou às suas terras e à agricultura.

Assim ele compôs quase toda a sua obra, da qual a maior parte se perdeu na transmissão oral, cantada e recontada que era pelos serranos, matutos e feirantes do Crato, cidade onde vendia sua produção e encontrava os amigos com os quais tomava sua cachaça.

Insisto na hipótese de que o chamado cordel, tributário do romanceiro indo-europeu, dos trovadores e jograis medievais, fundo de histórias que constitui um *corpus* do qual Leandro, Athayde, Camilo, Caboclo e Batista de Sena foram refinados intérpretes e porta-vozes, impregna toda a poética patativana.

Compôs sua obra no campo, debaixo de sol a pino, afastando-se dos colegas enquanto imaginava o poema e ia armazenando, verso a verso, para depois passar a limpo, à noite, à luz da lamparina, em sua casa na serra.

A estreia em livro, no ano de 1956, passou pela mediação do rádio. Ainda que o livro tenha legitimado sua produção e contribuído para sua fixação e permanência, vale insistir na importância da voz. Sua poesia é, continua sendo e será oral, e seu grande momento era o da *performance*, quando o corpo todo expressava o que ele dizia: o homem de um metro e meio se agigantava, a voz se alteava e os gestos eram eloquentes. Patativa fez da *performance* seu grande trunfo. Sua poesia não é para ser lida (embora nada impeça que o seja), mas para ser ouvida, e, mais que isso, vivenciada. Proporcionou este prazer a

muitos, instante mágico, cerimônia, ritual, comunhão mais íntima do poeta com seu público.

Violeiro durante algum tempo, apresentava-se nos sítios e cidades da região do Cariri, sul do Ceará, e nos estados vizinhos. Mas insiste em afirmar que nunca quis fazer comércio de sua lira e rejeitou os convites, a bacia, onde são depositadas as contribuições para os repentistas. Passou a recitar poemas em meio às pelejas, o que causou estranhamento e o levou a sair de cena, ainda que tenha incorporado o violeiro, agora a capela.

Considerar que o cordel estaria apenas nos folhetos que publicou não daria o alcance da importância de sua produção. O cordel está em todos os seus livros, em todos os seus poemas.

Leitor atento dos poetas românticos brasileiros e de Camões, teve no *Tratado de versificação*, de Olavo Bilac e Guimaraens Passos — paradoxalmente, um modelo que combatia o ideal romântico — um guia/mapa para o que chamaríamos de forma, que, na verdade, se imbrica com o conteúdo, perfazendo um todo. Esta síntese é fundamental para uma avaliação de sua importância no contexto da poesia tradicional contemporânea.

PRIMÓRDIOS DA TIPOGRAFIA

Aedo sertanejo, Patativa largou a viola, e foi a memória que preservou sua produção. Foi assim que ditou seu primeiro livro, datilografado pelo filho do folclorista Leonardo Mota. A memória privilegiada fez com que ele soubesse de cor todos os seus poemas.

No entanto, seu contato com as gráficas, essencial para a edição do folheto, foi fugaz. Juazeiro do Norte passou a ser o grande polo de “fabricação” de folhetos, a partir do final dos anos 20, com a entrada em cena do editor alagoano José Bernardo da Silva. A princípio seus folhetos eram impressos no Crato, até que ele pôde adquirir maquinaria e colocar a Tipografia São Francisco como uma referência do folheto brasileiro, o que se acentuou, a partir de 1949, quando adquiriu o acervo de João Martins de Athayde. Em torno da tipografia gravitavam poetas, outros se iniciavam na velha casa das palavras, depois de passar pela limpeza das aparas, pelo corte do papel, pela composição, montagem da chapas ou impressão.

Patativa, em seu sítio, onde cultivava feijão, milho e algodão, estava longe de toda essa animação. Continuava compondo seus poemas e o livro de estreia não modificou sua rotina, fundindo natureza e cultura, trabalho intelectual e braçal, razão e emoção. Passava ao largo de uma movimentação que trazia poetas de fora, como João Ferreira Lima, que cumpria temporada anual em Juazeiro para editar seu *Almanaque de Pernambuco*.

Longe da atividade de José Bernardo, marcada pelo estímulo às vendas, Patativa poetava, embora à margem da atividade editorial, o que faz com que considere menores os poetas ditos de bancada, por ele considerados “escrevinhadores”.



CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA

Como grande parte de sua produção se perdeu e também não era datada, pode-se considerar o folheto *Glosas contra o comunismo*, seu título mais antigo dentre os que foram preservados. Datado de 1946, período em que o Partido Comunista esteve na legalidade, foi feito por encomenda do capelão de Altaneira, cidade vizinha a Assaré, padre David Moreira.

Patativa doa seu velho chapéu para o acervo do Museu do Ceará, em 2001.

Foto: Lizaldo Maia.

MOTE

O regime comunista

É contra a religião

Nas folhas de uma revista

li um conselho exemplar

Que ninguém deve aceitar

o regime comunista

quem se assinar nessa lista

Ficará sem proteção

pois a negra escravidão

grita ali em altas vozes
e além de outras grandes faltas
é contra a religião!

A encomenda típica refletia os pontos de vista da Igreja Católica e repetia clichês, como “quem apoia o comunismo / gosta do Diabo também”, ou “Na doutrina de Lênin / só reina a imoralidade”, em uma atitude muito diferente do Patativa que, no período autoritário, por encomenda de Dom Hélder Câmara, escreveu *O padre Henrique contra o Dragão da Maldade*. Esse folheto denotava coragem do bispo e do poeta, pois tratava da morte, com requintes de perversidade, de um sacerdote progressista pelas forças da repressão, em Recife, em plena vigência do Ato Institucional número 5 que instaurou no país, a partir de dezembro de 1968, um clima de supressão das liberdades individuais.

O padre Antonio Henrique
muito jovem e inteligente

a 27 de maio

foi morto barbaramente

no ano 69

da nossa era presente

Estava o corpo do padre

de faca e bala furado

também mostrava ter sido

pelo pescoço amarrado

provando que antes da morte

foi bastante judiado

No mato estava seu corpo

em situação precária:

na região do lugar

Cidade Universitária

foi morto barbaramente

pela fera sanguinária

Sob a perspectiva da história de vida, entre os dois instantes, uma consciência política que se aguçou, a referência a Prestes, em um poema que ele mesmo censurou, a ordem de prisão emitida pelos ditadores de plantão, em 1967, por conta de seu *Poeta roceiro*, e a colaboração com jornais alternativos, desde o da UNE, na década de 60, ao jornal *Movimento*, já no Governo Geisel (1975/1978).

FOLHETOS MUSICADOS E RELEITURA DE CLÁSSICOS

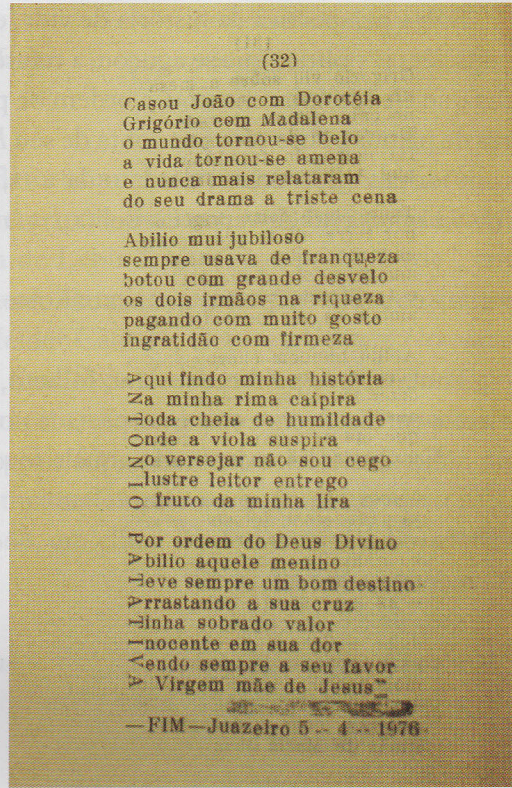
Patativa teve publicada, como folheto, a letra de *Triste partida*, sua estreia em disco, em 1964, interpretada por Luiz Gonzaga, que ouvira no rádio um violeiro cantando aquela toada dolente.

Passou-se setembro
outubro e novembro
estamos em dezembro
meu Deus que é de nós?
assim diz o pobre
do seco Nordeste
com medo da peste
e da fome feroz

Também foi editado como folheto o poema *O vaqueiro*, musicado por Fagner, em 1972, com o título de *Sina*, cuja autoria foi atribuída a este intérprete e a seu parceiro Ricardo Bezerra.

Eu venho dêrne menino
Dêrne munto pequenino
cumprindo o mermo destino
que me deu Nosso Sinhô
eu nasci pra sê vaquêro
sou mais feliz brasilêro
eu não invejo dinhêro
Nem diploma de dotô

Patativa, em entrevista concedida em 1999, admite ter feito presente a José Bernardo de alguns folhetos, como *Abílio e o cachorro Jupi*



Capa e última página de *História de Abílio e o seu cachorro Jupi*, folheto de Patativa que está na coleção de Obras Raras da Biblioteca Mário de Andrade.

Acervo BMA.

e *Aladim e a lâmpada maravilhosa*, títulos que constavam do catálogo da Tipografia São Francisco, depois Lira Nordestina.

Abílio e o cachorro Jupi teria sido elaborado a partir de um texto que Patativa leu e do qual guardou alguns vestígios. Trata-se de uma narrativa com elementos que Propp chama de maravilhoso:

Vizinho a uma cidade
 residia um cidadão
 de alma fervorosa e justa
 e um sincero coração
 tendo três filhos consigo
 Abílio, Grigório e João

O preferido (e o único de bom procedimento) ganha um cão fiel:

O padre da freguesia

era de Abílio o padrinho
um dia lhe fez presente
dum mimoso cachorrinho
dali em diante o menino
nunca mais andou sozinho

Os irmãos, como no episódio bíblico de José, preparam uma emboscada:

Convidou um dia João
o seu único camarada
pra nas matas com Abílio
fingirem uma caçada
e darem fim ao pequeno
por meio duma cilada

Abílio experimenta a vida selvagem, longe da civilização, em um contexto mítico que remete a outras histórias:

Fazia mais de três anos
que aquele pobre inditoso
habitava aquelas brenhas
num estado lastimoso
era de Nossa Senhora
um devoto fervoroso

A mediação da Virgem se dá pela inscrição na gruta:

Abílio deixa esta vida
onde sofreste bastante
sem conforto e sem guarida
já é tempo de gozares
a liberdade querida

Some-se a este enredo a proteção do cão, a velha provedora, o casamento, a herança, o reencontro com os irmãos, a morte de Jupi e o final feliz.

Aladim e a lâmpada maravilhosa recria o episódio das *Mil e uma noites* com uma competência poética que evidencia também o gênio de Patativa (e não apenas o gênio da lâmpada):

Essa lâmpada tinha um gênio
que obedecia a ela
aparecia vexado
quando se apertava nela
pronto para obedecer
a quem fosse dono dela

Uma espécie de revisita sertaneja das narrativas de Scherazade, o folheto de Patativa pode ser inscrito como um clássico e evidencia a circularidade da cultura e a importância dos relatos que constavam de livros aos quais ele teve acesso.

A figura do diabo para Patativa não vem carregada da hipérbole e do caráter maniqueísta da maioria dos folhetos. Em *Brosogó, Militão e o Diabo*, relato de um homem que depois de ter acendido velas para todos os santos resolve ir além no seu ritual:

Disse consigo: o Diabo
merece vela também
se ele nunca me tentou
para ofender ninguém
com certeza me respeita
está me fazendo o bem

O diabo volta no final para, travestido de advogado, salvar a personagem, vítima de um argumento falacioso, de uma enrascada: um certo Militão queria extorquir Brosogó, por conta de uns ovos que havia emprestado e queria cobrar a fatura a partir dos pintos que deveriam ter sido gerados. O Diabo veio com argumentos irrespondíveis, falando, metafórica e mentirosamente, de um feijão cozido que teria servido de semente para a agricultura.

Desmascarado o vilão e livre no final, Brosogó agradece e o Diabo se explica:

Eu sou o diabo a quem
chamam de monstro ruim
e só você neste mundo
teve a bondade sem fim
de um dia queimar três velas
oferecidas a mim.

Ironicamente, o desfecho é surpreendente quando diz:

pois toda história de diabo
tem um pipôco no fim...

Em *O diabo tolo*, folheto que se extraviou, o anjo decaído era lo-grado, o que constitui o que alguns autores consideram um ciclo na literatura popular em versos.

Sofia e Vicença ou O castigo de mamãe é um libelo antirracista. O protagonista diz:

eu sou branco quage loro
mas no premêro namoro
com a santa proteção
da Divina Providença
eu casei com a Vicença
preta da cô de carvão.

O irmão José, obediente ao racismo da mãe, casa com Sofia, que lhe põe chifres. O epílogo é esclarecedor:

Neste mundo de vaidade
critério, honra e bondade
não tem nada com a cô
eu morro falando franco
tanto o preto como o branco
pertence a Nosso Senhor.

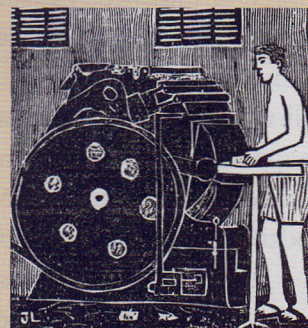
João Mole também desmonta estereótipos, como o machismo, tão arraigado à cultura brasileira:

Patativa do Assaré mantinha uma relação tensa com o chamado cordel. Talvez pelo fato de repetir, exaustivamente, que não gostava de fazer comércio de sua lira. E não dá para esquecer o pregão nas calçadas dos mercados, nos espaços das feiras e das festas religiosas. Vendedores diziam pedaços das histórias e paravam, sugerindo que a leitura completa só se perfaria com a aquisição do exemplar do folheto. Talvez estivesse “contaminado” pelo elitismo, não assumido, do fascínio pelo livro, uma forma de expressão mais ligada à chamada “alta cultura”. Certo é que ele morava a mais de cem quilômetros de Juazeiro do Norte, o grande polo de produção dos folhetos de cordel. Suas relações comerciais e afetivas e seu

espaço de lazer era a feira semanal da cidade do Crato.

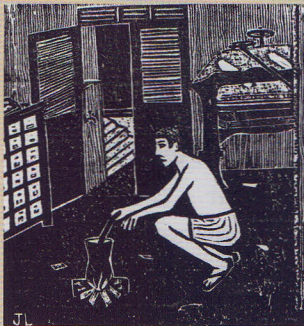
Patativa era cáustico e chamava a maior parte dos poetas de bancada de “escrevinhadores”. Outro ponto que pode justificar sua birra é o apego ao “acontecido”, ao fato jornalístico que sustenta boa parte da produção mais recente do cordel. Dizia preferir a criação, elogiava os voos da imaginação e se sustentava em uma poesia de forte dicção social. O cordel para ele era algo menor, uma espécie de *pulp fiction* da poética popular. A própria precariedade do folheto devia incomodá-lo. Não guardou todos os folhetos que fez. Alguns foram encontrados depois de sua morte, como *A morte de Artur Pereira*, de 1944, e *O crime de Cariús*, de 1946.

Longe do Juazeiro do Norte, Patativa ficava fora da agitação da gráfica que deveria ser um clima estimulante para a criação de novas histórias ou para a atualização dos clássicos. A Tipografia São Francisco, do romeiro alagoano José Bernardo da Silva (1901-1972), reunia poetas, gravadores e um bom número de gráficos que trabalhavam na composição, montagem das chapas, impressão, corte do papel, acabamento. Vivia-se um clima de burburinho permanente, pontuado pelo “tic-tac” onomatopaico das velhas e pesadas máquinas. Creio que essas vivências e essas trocas animavam o mercado, conservador na manutenção no catálogo dos clássicos e inovador pelo lançamento dos títulos que dariam a tônica da renovação, da novidade.



O cordel passa pela apropriação das maquinarias que se tornavam obsoletas para os grandes centros e se interiorizavam. Passa pela figura do poeta/editor/proprietário dos seus folhetos e dos folhetos dos outros, que publicava.

Criou-se uma rede que atingia o Recife, João Pessoa (então chamada Paraíba), por Campina Grande, Caruaru, Guarabira, Condado, Patos, Cajazeiras, Currais Novos e Aracaju, dentre outras cidades. No Ceará, apesar do número razoável de jornais e tipografias espalhadas pelo interior, no final do século XIX e início do século XX, apenas Fortaleza e Juazeiro do Norte mantiveram a publicação de folhetos como atividade lucrativa e de forte repercussão cultural.



Patativa via aquilo tudo como uma coisa menor: o oral que ansiava pelo registro, por se “deitar” na escrita e ganhar a forma do impresso. Buscava, ao mesmo tempo, a prevalência da voz e o prestígio do livro. Queria ficar, como querem quase todos os autores. A atividade do cordel foi sendo desmantelada aos poucos. Empresas familiares tinham problemas sucessórios. Vieram novas formas de entretenimento, como o rádio, que incorporou o transistor e a televisão, com sua aparente gratuidade. O cordel foi perdendo campo. Hoje ganhou outra conotação: virou “lembrança” para turista e material de estudo para acadêmicos. Rareia nas feiras, mas ocupa espaço em importantes acervos, como os da Fundação Casa de

Rui Barbosa e do Museu do Folclore (RJ), do Instituto Joaquim Nabuco (Recife), da Universidade Estadual da Paraíba (Campina Grande), do Instituto de Estudos Brasileiros e da Biblioteca Mário de Andrade (São Paulo).

Patativa continuou a publicar e nos deixou nove livros. Enganou-se quando falou mal do cordel. Sua poesia, mesmo em livro, é cordel pelo encantamento do mundo, pelo modo como dá nome às coisas, pelas descobertas, pela magia e pela contundência, pelo chamado “trancoso” (ou “maravilhoso” das histórias de encantamento de autoria desconhecida, das lendas e crenças populares). Patativa fez cordel, ao modo dele e sem se dar conta. Toda a sua poesia é um grande, rico e multifacetado cordel.



Xilografuras da série *Lira Nordestina*, de José Lourenço, que retratam as várias etapas de produção de um folheto de cordel.

José Lourenço

Até os últimos
anos de vida,
Patativa
continuou
autografando
seus livros e
folhetos.

Foto: Lizaldo Maia.



Na Paraíba do Norte
junto à Ribeira do Poço
morava um tal João Mole,
sadio, robusto e moço
mas de apanhar de mulher
Já estava de couro grosso

João Mole resolve mudar de vida quando anuncia:

de hoje em diante
eu não apanho
fui paciente até hoje
d'agora em diante eu me assanho,
é desgraçado o carneiro
que não governa o rebanho

Depois de bater na mulher e na sogra, o que não condiz com os códigos de uma cortesia sertaneja, volta a reforçar a construção ideológica do macho triunfante. João Mole “mudou no seu nome e entrou/ no grupo de Lampião”.



O chapéu e os óculos escuros compunham a figura pública de Patativa. As lentes escondiam o problema de visão que o poeta tinha desde os 4 anos.

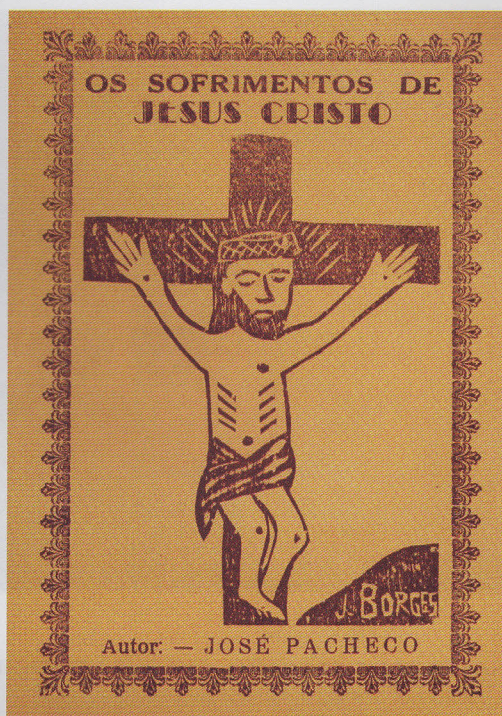
Foto: Lizaldo Maia.

NATUREZA E SAGRADO, CULTURA E SOCIEDADE

O alcance da poesia social de Patativa se amplia quando se refere à natureza. É assim no *ABC do Nordeste flagelado*, em que, recorrendo à modalidade em que cada estrofe começa por uma letra, denuncia a situação de penúria da região nordestina:

A- Ai como é duro viver
Nos estados do Nordeste
quando o nosso Pai Celeste
não manda a nuvem chover
é bem triste a gente ver
findar o mês de janeiro
depois findar fevereiro
e março também passar
sem o inverno começar
no Nordeste brasileiro

Em *Emigração*, que foi feito por encomenda de Stênio Diniz e integrou sua participação na xxii Bienal Internacional de São Paulo, Patativa revisita *Triste partida*, carregando ainda mais nas tintas:



Capas de *As proezas de Lampeão na cidade de Cajazeiras* (1946), de João Martins de Athayde, folheto mais antigo no acervo da BMA, e de *Os sofrimentos de Jesus Cristo*, de José Pacheco, com xilogravura de J. Borges.

Acervo BMA.

O carro corre apressado
e lá no sul faz “desejo”
deixando desabrigado
o flagelado cortejo
que procurando socorro
uns vão viver pelo morro
um padecer sem descontente
outros pobres infelizes
se abrigam pelas marquises
outros debaixo da ponte

Doutor Raiz surpreende pela contundência com que mostra o raizeiro preparando as beberagens que vai vender na feira:

Depois que a panela ferve
com aquela misturada
ele enche aquilo tudo
dois costais de garrafada

bota uma carga num jegue
viaja de madrugada

E segue-se uma relação de doenças que a medicina caseira promete curar:

Cura a congestão
e o impaludismo
o reumatismo
e constipação
mal do coração
tontice e cegueira
febre e batedeira
e dor de barriga
curuba, bexiga
sarampo e papeira

Patativa é cruel com o raizeiro, o que parece contradizer sua relação com a natureza:

sempre o fim de quem toma
é morrer intoxicado

E conclui:

fujo do Doutor Raiz
como o cão foge da cruz
o rato foge do gato
e as trevas fogem da luz

Nem mesmo brincando
não dou atenção
a tal charlatão
que vive enganando
e ainda eu me achando
com a boca torta
e uma perna morta

Principais acervos de cordel no Brasil

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL
13 mil títulos de folhetos de cordel
cerca de 50 títulos disponíveis *online*, além de capas e gravuras
<http://www.ablc.com.br/>
- FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA
9 mil folhetos de cordel
2.340 folhetos disponíveis *online*
<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>
- BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE
Coleção de Obras Raras e Especiais
307 folhetos, sendo 58 deles da Coleção Alceu Maynard Araujo
Inclui folhetos com trovas, modas de viola e propaganda comercial ou política.
<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/>
- ACERVO MARIA ALICE AMORIM
Coleção privada, catalogada e preservada com o apoio do Governo de Pernambuco
7.300 folhetos
<http://www.cibertecadecordel.com.br/index.php>
- INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Coleções Mário de Andrade, Gilmar de Carvalho e Fundo Villa-Lobos
4 mil documentos relacionados à literatura de cordel e folhetos de autores como João Martins Athayde, João de Barros, Leandro Gomes de Barros, Patativa do Assaré, dentre outros.
<http://www.ieb.usp.br>
- BIBLIOTECA TEMÁTICA DE CULTURA POPULAR BELMONTE DO SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE SÃO PAULO
500 folhetos disponíveis para consulta
Lista de títulos e autores acessível *online*
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/biblioteca_belmonte/
- CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR DO IPHAN
7.270 folhetos de literatura de cordel
<http://cnfcp.phl-net.com.br/>
- BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA DE ALMEIDA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
16 mil exemplares de cordéis da Coleção Gilmar de Carvalho (4.641 exemplares), Átilla Almeida (9.283 exemplares) e outras (mais de 2 mil exemplares)
<http://cordeis.bc.uepb.edu.br/index.php>
- FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
Coleção de folhetos de cordel com 3 mil títulos que podem ser pesquisados por autor e título em <http://bases.fundaj.gov.br/biblio.html>
41 títulos estão disponíveis *online*: http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/busca/listar_projeto.php?cod=12
- BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
3.480 títulos de literatura de cordel
Mantém um blog sobre os projetos de pesquisa referentes a cordel desenvolvidos na Universidade
<http://tempodecordel.blogspot.com/>
<http://www.uel.br/bc/>



Reedições de grandes clássicos da literatura de cordel, de autoria de José Bernardo da Silva, José Camelo de Melo Rezende, Leandro Gomes de Barros e José Pacheco, estão sendo publicadas por novas editoras como a Tupynanquim, de Fortaleza, e a Coqueiro, de Recife. Alguns poetas, como José Costa Leite, continuam imprimindo e comercializando seus próprios folhetos.

se tal raizeiro
chegar no terreiro
eu bato-lhe a porta

A questão que ele apresenta é de ordem ética: a denúncia da charlatanice, como discurso da ordem médica e não a negação do poder curativo das plantas.

Já *O meu livro* é uma verdadeira ode à natureza, em que a personagem Chico Braúna aprendeu a ler de uma forma diferente:

ABC nem beabá
no meu livro não se encerra
O meu livro é naturá
é o má, o céu e a terra
cum a sua imensidade.
Livro cheio de verdade
da beleza e de primô,
tudo incadernado, iscrito
pelo pudê infinito
do nosso Pai criadô

Ao mostrar sua íntima relação com a natureza, Patativa revela um Deus em tudo, o que é próprio de sua noção de sagrado: é menos ligado à instituição eclesiástica e relaciona-se com Deus sem mediações:

O meu livro é todo cheio
de muita coisa incelente
em sua foia é que leio
o pudê do Onipotente.

TUDO É CORDEL

Outros folhetos de Patativa, além do *Diabo tolo*, se perderam, e não foram localizados durante muitos anos. É o caso de *O crime de Cariús*, sobre incidente que aconteceu em 1942, nesta cidade do Cariri cearense. O folheto foi encomendado pela família Gomes de Matos, à qual pertencia a vítima, o Dr. Carlos, farmacêutico, mor-

to por pistoleiros a mando de um colega e concorrente no exercício da profissão. Patativa assinou com pseudônimo, e a família Gomes de Matos, sessenta anos depois, acreditava não ter nem um exemplar sequer do mesmo. A prova da existência do folheto era estar listado no *Dicionário Bio-Bibliográfico dos Repentistas e Poetas de Bancada*, de Átila de Almeida e José Alves Sobrinho, mesma fonte que se refere a outro folheto extraviado intitulado *O vício da embriaguez*. Acreditava-se que o folheto havia se perdido definitivamente, mas depois de muitos anos *O crime de Cariús* foi localizado, finalmente, no acervo do bibliófilo Thomaz Pompeu Gomes de Matos, da mesma família que encomendou o cordel. Ele encontrou o folheto guardado junto com autos do processo e material de imprensa sobre o crime.

Outros folhetos também se acreditavam perdidos, mas foram localizados. É o caso de *A morte de Artur Pereira*, relato de uma filha que matou o pai envenenado, no município cearense de Arneiroz, pelo fato de ele ter-se oposto a seu casamento. Esse folheto foi localizado na coleção do cordelista cearense Ari Evaldo Viana, que adquiriu, com o irmão, também poeta e editor Klévisson Viana, o acervo pertencente ao pesquisador Ribamar Lopes, falecido em 2002.

Sonho agradável foi um folheto que azedou as relações do poeta com sua cidade natal. Ele bendizia o fato de os versos terem-se perdido: “Eu acho é bom que não exista, porque eu dou um ataque tão grande no Assaré...”. Não podia supor que o professor Cláudio Henrique Andrade tivesse a maior parte deles gravada em velhas entrevistas feitas com o poeta, quando o pesquisador vivia em Assaré. Seguem-se alguns fragmentos:

De onde vem tão flagelado?

Pois está me parecendo

que foste martirizado

se dessa forma vieste

De toda corte celeste

receberás uma palma

Pois aqui sou o porteiro

fico muito prazenteiro

quando recebo uma alma

Quando eu lhe disse

Capa do folheto
*A chegada de
Lampião no
inferno*, de
José Pacheco,
assinado por
João Martins
de Athayde e
impresso pela
editora de José
Bernardo da
Silva.

Acervo BMA.



Que era do Assaré um habitante

Ele me suspirou dizendo:

Tem padecido bastante

Mas sei que serás aceito

Nesta santa residência

Por Jesus de Nazaré

Pois ser filho de Assaré

Já é uma penitência.

O último folheto publicado por Patativa narra seu encontro com a alma de Zé Limeira no céu. Patativa desconversava quando questionado sobre este violeiro que não tem historicidade comprovada. Diz que o viu de costas, de longe, e conheceu alguém que cantou com ele. Parece que, por trás de tudo, existe um laço afetivo dele com Orlando Tejo, a quem interessa manter viva essa polêmica. Mas o folheto, na verdade, serve para o exercício virtuoso de Patativa que escreve nos moldes da surreal e desconcertante personagem.

Relativamente pequena, a produção de folhetos de Patativa é desproporcional ao volume e à importância de sua obra. Mas, como foi dito no início, tudo é cordel, superando o barbante, marcado pelo eco

da tradição que ele atualiza quando fala de reforma agrária, televisão e meninos de rua. Supera a tradição e promove uma ruptura, ao mesmo tempo em que, dialeticamente, a mantém. O imaginário na produção de folhetos de Patativa se apresenta em um espectro que vai do maravilhoso ao gracejo, do paródico ao jornalístico, sendo político mesmo quando fala de amor, na consecução de uma poesia militante, sem perda da qualidade estética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Cláudio Henrique Sales de. *Patativa do Assaré: as razões da emoção: capítulos de uma poética sertaneja*. Fortaleza: Editora da UFC; São Paulo: Nankin, 2003.
- CARVALHO, Gilmar de. *Madeira matriz*. São Paulo: Annablume, 1999.
- _____. *Patativa poeta pássaro do Assaré*. Fortaleza: Omni Editora, 1999.
- _____. *Xilogravura: doze escritos na madeira*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2000.
- _____. *Patativa do Assaré*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.
- _____. *Poetas do povo do Piauí: a mídia cordel*. São Paulo: Terceira Margem, 2001.
- _____. *Poetas do povo do Piauí: imaginário e indústria cultural*. São Paulo: Terceira Margem, 2001.
- _____. *Publicidade em cordel*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2002.
- _____. *Patativa do Assaré: pássaro liberto*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.
- _____. *Lyra popular: o cordel do Juazeiro*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.
- _____. *Patativa do Assaré: cordéis e outros poemas*. Fortaleza: Edições UFC, 2006.
- _____. (Org.). *Manoel Caboclo*. São Paulo: Hedra, 2000 (Biblioteca de Cordel).
- _____. (Org.). *Patativa do Assaré: antologia poética*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.
- _____. (Org.). *Neco Martins*. São Paulo: Hedra, 2002. (Biblioteca do Cordel).
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1978.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- DEBS, Sylvie (Org.). *Patativa do Assaré*. São Paulo: Hedra, 2000.
- FEITOSA, Luiz Tadeu. *Patativa do Assaré: a trajetória de um canto*. São Paulo: Escrituras, 2001.
- FERRAROTTI, Franco. *Histoire et histoires de vie*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1990.
- FERREIRA, Jerusa Pires. Cultura é memória. *Revista USP*, São Paulo, n. 24, p. 114-120, dez./fev. 1994 -1995.
- FIGUEIREDO FILHO, J. de. *Patativa do Assaré: novos poemas comentados*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1970.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1994.
- LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa: Estampa, 1978.
- MOTA, Leonardo. *Cantadores*. 5. ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.
- POUND, Ezra. *ABC da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- YATES, Francês. *L'art de la mémoire*. Paris: Gallimard, 1992.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Educ, 1997.